

PALAVRA DE PROFESSOR

Bullying escolar: será que um dia ele vai acabar?

Ane Patrícia de Mira*

Aluna H. está no segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola particular. H. tem sete anos. Ela está repetindo o ano por não ter alcançado bom desempenho de sua capacidade de escrita e leitura. Quando nas primeiras semanas de aula, H. foi deixada de lado pelos colegas que sabiam ser ela repetente. Chegaram a manifestar isso dizendo que ela era burra. Em outro momento, ao perguntar se alguém estava faltando à aula naquele dia, os colegas olharam para todos os lados e não notaram a falta de ninguém. Manifestaram a ideia dizendo que não havia faltado ninguém. Ao serem corrigidos pela professora, faltava, sim, a H., os colegas riram e disseram que H. era ninguém. H. tem medo de ir à aula. Ela continua com os mesmos problemas para ler e escrever, principalmente se for em voz alta, raramente fala, e a cor de seus olhos e seu sorriso tão meigo estão desaparecendo.

A situação é real e não é isolada. Usar óculos, ter orelhas ou nariz mais proeminentes, olhos mais saltados, sardas, sobrepeso, problemas de dicção, manias podem trazer junto uma série de chacotas, xingamentos, agressões à individualidade, ao que nos marca como únicos em todo mundo, nossa essência.

A prática do *bullying* não é nenhuma novidade. O termo inglês não tem tradução literal para o português, mas pode ser facilmente entendido pelo que representa: “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão” (FANTE e PEDRA, 2008). São as brincadeiras que só têm graça para quem as faz.

Porém, buscar culpados não é a solução para acabar com o problema do *bullying*, ele é muito mais feroz do que podemos supor. A violência que é revelada em sua prática está em nossa sociedade desde sempre, o que nos torna mais ou menos violentos é nossa capacidade mais ou menos desenvolvida de raciocinar, de controlar nossos impulsos, de arejar nossas mentes com o que é sadio e por nossa busca incessante de romper com os preconceitos.

* Professora de língua espanhola do Colégio La Salle Canoas e língua portuguesa na Escola O Acadêmico, pós-graduanda em Educação Inclusiva.



Arte: Rodrigo Vizotto/D3 Comunicação



VERISSIMO

Tatu



Li que a Cleo Pires mandou fazer a tatuagem de um verso do Fernando Pessoa num, se entendi bem, quadril, para ser fotografada para a “Playboy”. A tatuagem é provisória, mas Cleo Pires pode muito bem estar inaugurando um novo espaço para a literatura. Você não abriria mais a “Playboy” só para ver mulher nua, teria material de leitura na própria mulher nua. Um haikai em cada seio, Drummond e Bandeira nas nádegas, um resumo da “Odisséia” começando no pescoço, circundando o umbigo como se fosse a ilha de Calipso e desaparecendo no púbis, ou no retorno simbólico de Ulisses ao lar e ao aconchego de Penélope. Você poderia elogiar a artista pelada do mês, mas discutir a sua escolha de textos (“Kafka nas coxas?”). E ter uma desculpa pronta ao ser flagrado espiando uma nua da “Playboy” escondido.

– Nem notei a mulher. Eu estava lendo o autor novo no seu pé.

A tatuagem é a mais nova forma de arte do mundo – embora não tenha nada de novo. O próprio nome, “tatu”, vem da prática de perfuração da pele que o Capitão Cook já encontrou no Tahiti e em outras ilhas dos mares do Sul no Século 18. Na China antiga, o ideograma para tatuagem era “wen”, que queria dizer tanto escrita quanto sabedoria, e as palavras que cobriam um corpo humano eram uma espécie de prece permanente, ou uma maneira de manter contato com os poderes divinos depois de um processo de iniciação. Os tatuados pertenciam a uma irmandade exclusiva, o que não é o caso hoje, quando todos estão se tatuando, por nenhuma razão superior e nem sempre com muita sabedoria.

Os casos mais evidentes de imprevidência tatuada são os nomes de amantes gravados sob corações entrelaçados, quando não havia dúvida que o amor seria eterno, e que precisam ser apagados quando o amor acaba. E imagino que atrizes e atores que cobrem seus corpos com tatuagens estejam conscientemente limitando a sua escolha de papéis. Adão e Eva, por exemplo, nem pensar, a não ser numa versão muito livre de Gênesis.

Mas não deixa de ser fascinante esta nova forma de arte, feita não em papel ou tela – ou nas paredes, como o grafite, a outra forma de arte a que ela mais se assemelha –, mas na pele do corpo. Mistura de decoração, assertiva pessoal, autos-sacrifício e kitsch assumido. Arte feita com cicatrizes. Ou arte evanescente, como no caso da poesia no belo costado da Cleo Pires.

falaverissimo@gmail.com

Os artigos para a seção Palavra de Professor devem ser enviados até o dia 15 de cada mês com no máximo 1.800 caracteres para o e-mail palavradeprofessor@sinpro.rs.org.br

Escritório de Advocacia

* conveniado Sinpro/RS

Antônio Vicente Martins Advogados Associados

Avenida Borges de Medeiros, 2105 sala 910 | Praia de Belas | Porto Alegre | RS | Telefone 51 3061.4880 | contato@avmadvogados.com.br
www.avmadvogados.com.br

AvM
 ANTÔNIO VICENTE MARTINS
 ADVOGADOS ASSOCIADOS